

POR DENTRO DOS LIVROS: A CIRCULAÇÃO DE ROMANCES EM CATÁLOGOS DE LIVREIROS

Julio Cesar MODENEZ

Orientadora: Márcia Azevedo de Abreu

Resumo: O mercado editorial do Brasil oitocentista era dominado pela figura do livreiro-editor, profissional que editava e vendia livros de acordo, principalmente, com as tendências do mercado. Como estratégia para venda de seus acervos, os livreiros divulgavam seus títulos em anúncios de periódicos, catálogos avulsos e catálogos no interior de livros. A presente pesquisa, que faz parte do projeto “*A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX*”, utiliza como fonte catálogos presentes no interior de livros publicados no Rio de Janeiro, no “longo século XIX” (1789-1914), a fim de observar a presença de romances nacionais e estrangeiros anunciados.

Palavras-chave: História literária; catálogos de livros; livreiros-editores; século XIX; romances

1. INTRODUÇÃO

O presente texto é uma síntese do projeto de pesquisa e dos primeiros resultados obtidos com minha monografia, sob a orientação da Prof^{ta} Dr^a Márcia Abreu e financiada pela FAPESP. Essa pesquisa está inserida no projeto “*A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX*” (FAPESP), que busca estudar os impressos e as ideias em circulação no “longo século XIX” (1789-1914) entre Brasil, França, Inglaterra e Portugal.

Essa pesquisa monográfica surgiu da busca em fontes primárias do século XIX que indicassem a presença de impressos à época. Eu possuía a informação de que os livreiros dos oitocentos publicavam no interior de seus livros alguns catálogos ou listas de obras, que indicariam a venda daqueles títulos e sua consequente circulação. Para facilitar a pesquisa dentro dos livros, usei como fonte o acervo digital da biblioteca Brasileira, da USP, recém-lançado. Foi encontrado um grande número de catálogos, como será explicitado adiante, que revelam os impressos presentes no século XIX.

2. OS LIVREIROS-EDITORES DO SÉCULO XIX

“As livrarias não são instituições fundadas por pessoas ricas e caritativas, para facilitar aos bibliófilos a aquisição de livros raros por preço de pechincha. Livraria não é obra filantrópica (...)” (MORAES, Rubens Borba de. 1965:25)

O livreiro e o editor dos oitocentos não eram figuras isoladas, cada qual responsável apenas por um serviço específico – vender e confeccionar/editar livros, respectivamente. Geralmente, a atividade livreira se caracterizava pela união de ambas as atividades¹. Esses profissionais, denominados livreiros-editores, eram caracterizados pela veia mercantil, visando o lucro de sua empresa ao privilegiar o bom relacionamento com seus clientes e ao contratar os autores mais requisitados pelo mercado².

Como qualquer outro vendedor de bens de consumo, esses profissionais utilizavam-se da publicidade para vender os seus títulos. Essa era realizada, principalmente, de três diferentes formas: por meio da publicação de anúncios em periódicos, de catálogos de obras à venda e de propaganda no interior dos livros (que poderia ser feita na forma de catálogos ou de pequenas listas de obras).

No Brasil, os anúncios em jornais surgiram logo no início da circulação de periódicos. A vinda da família real ao país, em 1808, trouxe os prelos e os acessórios de uma tipografia completa, que possibilitaram a criação dos primeiros jornais³ que circulavam no Rio de Janeiro, então capital do Império. Durante todo o século, os jornais permaneceram como um dos principais veículos de propaganda dos impressos no Brasil.

Os romances que circulavam nessa primeira metade do século eram quase todos traduzidos e impressos no exterior e tinham forte presença nos anúncios que os livreiros-editores estampavam nos periódicos locais. Isso contribuiu para a consolidação do gênero no país décadas mais tarde. Os primeiros editores que surgiram no Brasil eram franceses, como João Roberto Bourgeois e Paulo Martin⁴.

Em 1828, o cenário editorial no Brasil começou a se modificar com o início das atividades do livreiro alemão Eduardo Laemmert em parceria com o português Souza. A sociedade se encerrou em 1833, quando Laemmert abriu seu negócio na Rua da Quitanda,

1 BRAGANÇA, Aníbal. “Uma introdução à história editorial brasileira”, in Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias, Vol. XIV, II série, 2002, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa (Portugal), p. 64.

2 Idem, ibidem.

3 MANÇANO, Regiane. Livros à venda: presença de romances em anúncios de jornais. Tese de Mestrado. Campinas, SP: Unicamp, 2010, p. 5-7.

4 BESSONE, Tania. As leitoras no Rio de Janeiro do século XIX: a difusão da literatura. In: Revista Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero, Disponível em <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/01112009-112540bessone.pdf>.

entre a Ouvidor e a Rozario, no Rio de Janeiro, num local já conhecido pelo comércio de livros, e investiu em publicidade nos periódicos fluminenses e, posteriormente, catálogos. Em 1836, o livreiro francês J. Villeneuve assumiu a casa Plancher, anunciando seus livros maciçamente no *Jornal do Commercio*⁵.

Por fim, em 1844⁶, Baptiste Louis Garnier fundou a Livraria Garnier, uma filial da matriz parisiense, trazendo consigo o prestígio da livraria francesa e um acervo amplo e eclético⁷. Em pouco tempo, Garnier tornou-se o principal livreiro-editor brasileiro, principalmente depois de firmar contratos com os principais autores nacionais da época⁸. Apesar de ser considerado um monopolizador da atividade livreira, ele foi um dos grandes responsáveis pela propagação da literatura brasileira no mundo e, no Brasil, além dos títulos nacionais, pela publicação de originais e traduções estrangeiras. A parceria de Baptiste Louis com a Garnier Frères, na França, de propriedade dos seus irmãos, possibilitava o comércio transatlântico dos impressos e criava uma verdadeira rede livreira internacional⁹. O sucesso da livraria é também resultado do investimento em publicidade: Garnier anunciava em demasia nos periódicos brasileiros e em catálogos criados especialmente para o seu comércio¹⁰, bem como no interior dos seus livros.

Diante do avanço da presença de livreiros-editores e do posterior aumento de impressões em solo brasileiro, o mercado editorial do Brasil teve um exponencial crescimento na segunda metade dos oitocentos. Livreiros de renome e outros de menor prestígio, maiores ou menores comercialmente, dividiam espaço nas ruas do Rio de Janeiro, abarrotando suas prateleiras de livros de diferentes gostos e estilos, tanto na suntuosa Rua do Ouvidor quanto nos arredores menos respeitáveis¹¹. Nessa época, o grande número de romances anunciados nos catálogos e anúncios de periódicos

5 Idem, ibidem, p. 64-67.

6 Há divergências sobre a real data de chegada de Garnier ao Brasil. De acordo com a monografia de Lígia Cristina Machado, pesquisas de Alexandra Santos Pinheiro apontam a vinda do editor em 1837; já Eliana Dutra data o ano de 1844. Ver: PINHEIRO, Alexandra Santos. Baptiste Louis Garnier: o homem e o empresário. Apresentado no I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial e DUTRA, op. cit., apud MACHADO, Lígia Cristina. Monografia. No prelo.

7 QUEIROZ, Juliana Maia. Em busca de romances: um passeio por um catálogo da Livraria Garnier. In: Márcia Abreu (org.). Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Campinas, SP: Mercado das Leras, 2008, p. 200-201.

8 DUTRA, Eliana de Freitas. Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: ABREU, Márcia e BRAGANÇA Aníbal (orgs.) Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora UNESP, 2010. P.70.

9 Idem, ibidem.

10 QUEIROZ, Juliana Maia, op. cit., p. 201.

11 EL FAR, Alessandra. Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2005. P. 28.

demonstra a constante popularização do gênero, que já vinha em ascensão desde o século XVIII¹².

3. OS CATÁLOGOS DE LIVREIROS E SUA IMPORTÂNCIA COMO FONTES PRIMÁRIAS

“(…) meu irmão Henrique, aliás, caçoava de mim, dizendo que minha cultura era de catálogos, o que em parte é verdade, porque nos bons catálogos se aprende muita coisa, e os daquele tempo eram ótimos.” MINDLIN, José. 1997:54

De acordo com Dutra, “os catálogos, com sua linguagem silenciosa, levam-nos a percorrer meandros sutis de tantas mudanças e a sugerir os interesses de leitura dos presumidos leitores¹³”. Segundo Midori¹⁴, os catálogos não servem apenas para o estudo das representações e das práticas de leituras, mas para a elaboração de uma geografia do livro. Sendo parte da rede publicitária dos impressos do século XIX, eles se configuram como importante fonte primária para pesquisas acerca da circulação de livros à época.

Os catálogos de livreiros há muito faziam parte da publicidade de livros. A venda de impressos através desse meio, como descreve Midori¹⁵, é uma prática que remonta ao início do comércio livreiro da Idade Moderna e persiste até os dias de hoje. No século XIX, os catálogos dos principais livreiros compunham-se de brochura que apresentavam o acervo (ou parte do acervo) de cada livraria e, em geral, eram distribuídos gratuitamente no estabelecimento ou enviados mediante pedidos aos clientes¹⁶. Além desses cadernos, os editores publicavam catálogos no interior dos livros, geralmente no verso da folha de rosto ou na última página. Tal método aproveitava todas as faces das páginas, já que o custo do papel era elevado. Essa tendência, porém, não é unânime: de acordo com minhas primeiras pesquisas, alguns livros possuem, ao final, extensos catálogos, o que parece negar a tese da economia de papel¹⁷.

No século XIX, a presença dos romances nos catálogos era constante e maciça: estudos de Juliana Maia de Queiroz¹⁸ sobre um catálogo da Livraria Garnier posterior a 1872 demonstram que o livreiro-editor anunciou ali 190 romances, mais que o dobro

12 MANÇANO, Regiane, op. cit., p. 113.

13 DUTRA, Eliana de Fretias, op. cit., p. 72.

14 MIDORI, op. cit., p. 304.

15 DEAECTO, Marisa Midori, op. cit., p. 304.

16 Idem, *ibidem*.

17 Os livros da Garnier e da Laemmert, à primeira vista, aparecem com os maiores catálogos em seu interior.

18 QUEIROZ, Juliana Maia, op. cit., p. 201-203.

das outras obras de literatura. O romance tinha tal popularidade que pertencia a uma categoria própria nos catálogos da Garnier: “Romances, Novellas, Variedades, Etc.”, enquanto as demais obras literárias eram parte da “Poesia, Litteratura, etc.”. De acordo com o mesmo estudo, os romances anunciados apresentam detalhes, especificações e até mesmo pequenos resumos e críticas. O gênero, apesar de parecer desvalorizado por ser excluído da categoria Literatura, onde os livros de poesias tinham lugar de destaque, parece demonstrar, segundo Queiroz¹⁹, uma marca de popularidade, visto que:

“O romance, desde o seu surgimento até meados dos anos 1870, foi considerado um gênero de deleite, uma vez que sua prática de leitura não pressupunha o conhecimento de regras clássicas de escrita e leitura, configurando-se assim como bastante popular. Dessa forma, o fato de haver no interior do catálogo uma seção exclusiva para ele pode ser interpretado como uma estratégia a mais de venda” (QUEIROZ, 2008:203)

Atualmente, um acervo valioso com grande quantidade de obras do século XIX está sendo digitalizado e publicado na Internet: trata-se da Brasiliana Guita e José Mindlin, hoje pertencente à Universidade de São Paulo (USP). Com a digitalização, é possível ter acesso ao interior de vários livros dos oitocentos – e aos romances anunciados nos catálogos em seu interior – com maior facilidade. Antes, entretanto, é preciso discorrer sobre esse acervo, sua origem, formação e conteúdo.

4. A BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN

A preservação de livros raros é o grande anseio do bibliófilo. Um dos brasileiros reconhecidos por sua vasta coleção de volumes é Rubens Borba de Moraes²⁰, nascido em 1899 em Araraquara, interior de São Paulo. Em sua obra “*O Bibliófilo Aprendiz*”²¹, Borba relata a criação e crescimento de sua biblioteca particular. Segundo ele, as grandes bibliotecas nacionais, “*que fazem o orgulho de muito povo*”²² surgiram da aquisição ou doação de acervos particulares, que enriqueceram o patrimônio nacional dos acervos literários.

19 QUEIROZ, Juliana Maia, op. cit., p. 203.

20 BANDEIRA, Suelena Pinto. O mestre dos livros: Rubens Borba de Moraes. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2007, p. 3.

21 MORAES, Rubens Borba de. O bibliófilo aprendiz: prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras antigas ou modernas. São Paulo, SP: Nacional, 1965.

22 Idem, ibidem, p. 12

Os colecionadores, nesse contexto, são os grandes responsáveis pela preservação das obras no decorrer do tempo, sobretudo “... *no Brasil (...) [onde], se não fosse o colecionador particular, o bicho, a sujeira e o clima destruiriam tudo o que o passado nos legou*”²³.

A Biblioteca de Borba é uma brasileira, cujo processo de seleção de livros é bastante específico:

“Se tomarmos o termo na sua acepção geral, no seu sentido mais largo, pertencem à Brasileira todos os livros que tratam do Brasil, todos os livros escritos por brasileiros e todos os livros impressos no Brasil. A única restrição que se faz nessa massa considerável de papel impresso e de papel ilustrado (sem falar em manuscritos) é que não se considera Brasileira o que não é procurado pelos bibliófilos.” (MORAES, 1965:170)

O período histórico do acervo é também discutido por Borba:

“(...) proponho que se classifique como Brasileira todos os livros sobre o Brasil, impressos desde o século XVI até fins do século XIX, e os livros de autores brasileiros, impressos no estrangeiro até 1808. (...) [pois] em 1808, começou-se a imprimir regularmente no Brasil e daí por diante tudo seria Brasileira...” (MORAES, 1965:170-171)

Logo, a biblioteca de Borba é composta de livros sobre o Brasil (o que comporta grande número de volumes estrangeiros), livros de autores brasileiros e livros impressos no país, levando em consideração o que é ambicionado pelos bibliófilos. Essa ambição abrangia vários quesitos: primeiras edições, edições sem revisão, livros extintos, impressos com histórias curiosas etc. Os livros eram cuidadosamente preservados e catalogados por Borba, que avaliava, conforme seus próprios relatos²⁴, a encadernação, colação, presença de erratas, cancelamentos, índices e todas as características editoriais de suas obras.

José Mindlin, seu grande amigo, herdou a biblioteca.²⁵ Mindlin, também bibliófilo, foi um empresário nascido em 1914 que desde os treze anos colecionava livros. Sua busca era concentrada em exemplares raros e históricos referentes ao Brasil, o que o fez compor uma brasileira, contabilizando a herança de Borba, com cerca de 40 mil livros. Sua esposa, Guita, era restauradora de livros e foi uma grande incentivadora do desejo do marido em colecionar raridades, tendo colaborado para o excelente estado de conservação do acervo, ainda localizado onde antes fora a residência do casal.

23 Idem, *ibidem*.

24 Idem, *ibidem*.

25 PUNTONI, Pedro (org.). *BrasileianaUSP : historia e arquitetura de uma ideia*. São Paulo, SP: Alameda, 2007, p. 40.

A brasileira de Guita e José Mindlin foi entregue à Universidade de São Paulo, conforme desejo de Mindlin: “*Em relação aos livros, não tenho o fetiche da propriedade. Sinto-me mais como um depositário do que um proprietário*”.²⁶ O acervo físico será localizado em um prédio construído no campus principal da USP, que se encontra em fase de acabamento da construção²⁷. Paralelamente à construção do prédio, está em processo a digitalização e publicação on-line dos livros da Brasileira, através do endereço eletrônico www.brasiliana.usp.br.²⁸ O acervo já disponível é uma grande riqueza, que concretiza o desejo de Borba e Mindlin de abrir seus acervos aos olhares dos estudiosos da literatura brasileira:

São funções da Biblioteca Mindlin, em conformidade com o seu regimento, conservar, divulgar e facilitar o acesso de estudantes, pesquisadores e do público em geral a seu acervo, assim como promover a disseminação de estudos de assuntos brasileiros por meio de programas e projetos específicos (Disponível em www.brasiliana.org.br, acesso em 20/06/2012).

O modo de constituição das coleções Borba e Mindlin e as prioridades de digitalização afetam o corpus desta pesquisa, constituído por anúncios de livros presentes em livros publicados no século XIX. Basta lembrar, por exemplo, que best-sellers traduzidos estão excluídos do conjunto de obras consideradas, tendo em vista o interesse dos colecionadores por obras brasileiras e sobre o Brasil.

5. PRIMEIROS RESULTADOS

Com a digitalização da brasileira de Borba e Mindlin, foi possível verificar cada um dos 1087 livros publicados durante o longo século XIX (1789-1914) que estavam presentes no acervo digital em julho de 2012, em busca de catálogos de livreiros no início ou no fim dos volumes – locais onde, geralmente, costuma-se publicá-los. Foram identificadas, ao todo, 210 ocorrências (ou seja, pouco mais de 19% dos livros traz anúncios de obras à venda).

Essas obras subdividem-se em romances (47 títulos), poesias (43 títulos), livros de história (21 títulos), livros de contos (15 títulos), livros de viagens (10 títulos), peças de teatro (9 títulos) e obras de crítica literária (5 títulos). O restante é composto por temas diversos como almanaques, Medicina, Agricultura e Filosofia (60 títulos).

26 Idem, *ibidem*, p. 213.

27 Informações disponíveis no site <http://www.brasiliana.usp.br>, acesso em 20/06/2012.

28 PUNTONI, op. cit, p. 54.



Figura 1: gráfico da quantidade de livros com a presença de catálogos do acervo digital da Brasileira classificados por gênero

Com relação aos editores, estão presentes: Garnier (66 livros), Laemmert (10 livros), Tavares Cardoso & Irmão (4 livros), Francisco Alves (3 livros), Chardron de Lello Irmão (3 livros), Cruz Coutinho (3 livros), Typografia Nacional (3 livros) e diversos outros com menor aparição (118 livros).

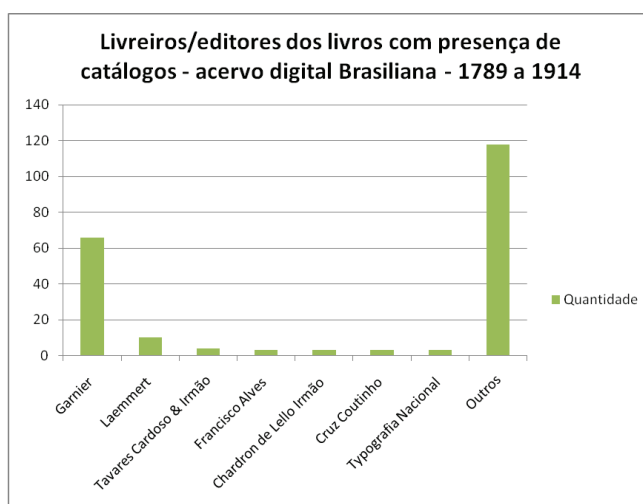


Figura 2: gráfico da quantidade de livros com a presença de catálogos do acervo digital da Brasileira classificados por livreiros/editores

Além dos livros impressos em território nacional (152 títulos, sendo 132 no Rio de Janeiro, 11 em São Paulo, 2 em Recife, 2 em Salvador, 1 em Campinas, 1 em Natal, 1 em Pelotas e 1 em Porto Alegre), há também 58 editados no exterior, sendo Lisboa a cidade com maior aparição (27 títulos), seguida de Paris (11 títulos), Londres (4 títulos) e outras cidades (16 títulos)²⁹.

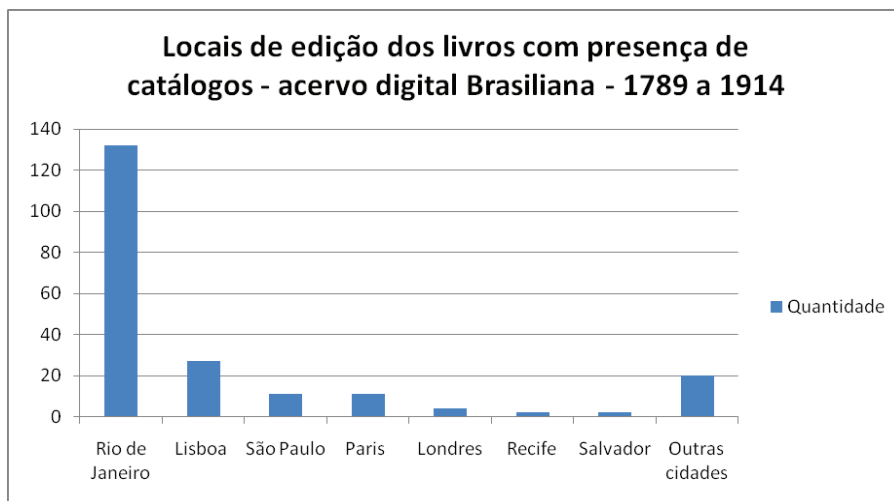


Figura 3: gráfico da quantidade de livros com a presença de catálogos do acervo digital da Brasileira classificados por local de edição

Outro dado relevante é a alta presença de catálogos a partir dos anos 1840. São apenas 17 livros com catálogos antes desse período e 193 desde então. A grande expansão editorial do Brasil na segunda metade do século se comprova com essa quantidade considerável.³⁰

6. CONCLUSÃO

Diante das primeiras análises, é possível fazer algumas considerações:

²⁹ O acervo da Brasileira, por se tratar de obras com algum cunho nacional, não apresenta tantas obras impressas no exterior, apesar de possuir uma quantidade considerável. As fontes de pesquisa, entretanto, são os catálogos, que, nas minhas primeiras pesquisas, apresentam uma quantia valiosa de romances estrangeiros, o que caracteriza a presença profunda da globalização transatlântica nos oitocentos.

³⁰ Ver EL FAR, Alessandra, op. cit.

- A quantidade de livros com catálogos é considerável (cerca 19% do acervo da brasileira do século XIX), o que demonstra que esse recurso é razoavelmente utilizado pelos livreiros-editores dos oitocentos;
- Os romances são os livros com maior número de catálogos em seu interior (22% do total), o que demonstra seu forte apelo comercial e a popularidade do gênero à época;
- Garnier é o livreiro com maior número de livros com catálogos (31% do total), o que comprova sua grande presença e seu sucesso editorial no século XIX, resultados também desse grande investimento que fazia em publicidade;
- O Rio de Janeiro é a cidade com maior número de obras publicadas (63% do total), o que comprova seu papel protagonista na cultura do século XIX no Brasil e no mundo. O acervo da Brasileira, por se tratar de obras com algum cunho nacional, não apresenta tantas obras impressas no exterior, apesar de possuir uma quantidade considerável;
- Nos primeiros contatos com os catálogos, a presença de romances é constante e maciça, sendo um dos gêneros mais anunciados, senão o mais anunciado (a contabilidade total ainda não foi realizada).

Os próximos objetivos dessa pesquisa exigem um recorte no período histórico do século XIX, a fim de que haja tempo hábil e informações condizentes para uma monografia. Levando em consideração o início da produção nacional de romances na década de 1840 e a publicação de folhetins em periódicos, a partir de 1839³⁰, esse período iniciará em 1840, ano do primeiro catálogo com a presença de romances no corpus após as datas supramencionadas. O período encerrará em 1868, pois a partir desta data os catálogos encontrados se apresentam com menor periodicidade.

Sendo o Rio de Janeiro a cidade com maior número de livros publicados no corpus, a pesquisa se concentrará nos catálogos de edições fluminenses.

Numa análise prévia dos catálogos desse período, foram observadas algumas características de materialidade: presença apenas no início ou no final do livro; 41% de catálogos de 1 a 4 páginas e 59% de catálogos com 10 páginas ou mais.

Considerando, assim, os catálogos encontrados no interior de livros do acervo digital da brasileira de Guita e José Mindlin, publicados no Rio de Janeiro no período compreendido entre 1840 e 1868, a presente pesquisa procurará atingir estes próximos objetivos:

31 SILVA, Hebe Cristina da. A ascensão do romance no Brasil – considerações acerca da presença do gênero em anúncios do Jornal do Comércio. Disponível em < <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>>, acesso em setembro/2012, p. 4.

- Verificar os títulos dos romances nacionais e estrangeiros anunciados nos catálogos;
- Verificar a atualidade as obras anunciadas, considerando as datas das primeiras edições das obras anunciadas e as datas da primeira tradução para o português;
- Analisar, do ponto de vista histórico, as variações quanto à quantidade de romances anunciados entre 1840 e 1868;
- Verificar o tempo gasto para que livros estrangeiros chegassem ao Brasil;
- Elaborar uma cartografia da procedência dos romances à venda no Brasil.

Tais objetivos só serão possíveis com o auxílio do banco de dados do projeto “*A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX*”, que foi especialmente concebido para dar sustentação às pesquisas quantitativas realizadas no interior do projeto. Com o auxílio de outros pesquisadores, grande parte dos romances do século XIX e suas informações já foram cadastrados, sendo possível saber com rapidez, por exemplo, a primeira edição dos presentes nos catálogos e descobrir seu tempo de difusão no Brasil. Todas as edições encontradas no corpus também serão catalogadas, a fim de facilitar o cruzamento de dados e as pesquisas de outras pessoas.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Márcia (org.). *Trajatórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008.
- _____. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- ABREU, Márcia e BRAGANÇA Aníbal (orgs.) *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- BANDEIRA, Suelena Pinto. *O mestre dos livros: Rubens Borba de Moraes*. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2007.
- BESSONE, Tania. *As leitoras no Rio de Janeiro do século XIX: a difusão da literatura*. In: *Revista Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero*, disponível em <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/01112009-112540bessone.pdf>>, acesso em julho/2012.
- BRAGANÇA, Aníbal. *Sobre o editor. Notas para sua história*. Em: <<http://pt.scribd.com/doc/84940112/BRAGANCA-Anibal-Sobre-o-editor-notas-para-sua-historia>>, acesso em 31/08/2012.
- _____. “Uma introdução à história editorial brasileira”, in *Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias*, Vol. XIV, II série, 2002, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa (Portugal), p. 57-83.
- CANDIDO, Antonio. *A timidez do romance*. In: _____ *A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, SP: Ática, 1989.
- DEAECTO, Marisa Midori. *O império dos livros: instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista*. São Paulo, SP: Editora da USP, 2011.

- DUTRA, Eliana de Freitas. *Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil*. In: ABREU, Márcia e BRAGANÇA Aníbal (orgs.) *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2004.
- MACHADO, Lígia Cristina. Monografia. No prelo.
- MANÇANO, Regiane. *Livros à venda: presença de romances em anúncios de jornais*. Tese de Mestrado. Campinas, SP: Unicamp, 2010
- MINDLIN, José. *Uma vida entre livros*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997.
- MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz: prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras antigas ou modernas*. São Paulo, SP: Nacional, 1965.
- MORETTI, Franco. *Atlas do Romance Europeu 1800-1900*. São Paulo, SP: Boitempo, 2003.
- PUNTONI, Pedro (org.). *Brasiliana USP: história e arquitetura de uma ideia*. São Paulo, SP: Alameda, 2007.
- QUEIROZ, Juliana Maia. *Em busca de romances: um passeio por um catálogo da Livraria Garnier*. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajatórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado das Leras, 2008.
- SILVA, Hebe Cristina da. *A ascensão do romance no Brasil – considerações acerca da presença do gênero em anúncios do Jornal do Comércio*. Disponível em <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/>>
- Banco de dados do projeto “*A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX*” (FAPESP), disponível em <<http://www.iel.unicamp.br/projetos/circulacao/login.php>>, acesso em agosto/2012.